



## **Entre lembranças e esquecimentos: biografia e construção da memória do Barão de Marajó (1874-1932)**

A despeito da longa atuação de José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó, na administração pública na segunda metade do século XIX seja durante o período imperial ocupando cargos como o de diretor de obras públicas, de deputado e de presidente das províncias do Pará e Amazonas; seja no período republicano ocupando o cargo de Intendente de Belém e posteriormente foi senador estadual, cargo que exerceu até o ano de sua morte em 1906; existe em Belém apenas uma rua com seu nome, no Bairro do Comércio.

Ao mesmo tempo em que ocorria essa intensa atividade política, sua atividade intelectual se destacava em sua época foi sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. O Barão de Marajó foi autor de obras como *As Regiões Amazônicas* (1896), *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de viagem* (1874-1876) e *Um Protesto* (1883). Entre estas, a *As Regiões Amazônicas* (1896) tornou-se um estudo de referência sobre a Amazônia como *Motins Políticos* do Barão de Guajará ou os *Estudos Corográficos* de Antonio Baena. Destacou-se como divulgador de sua região sendo representante do Pará nas exposições universais de Paris (1889) e Chicago (1893).

É importante mencionar que em sua época foram publicados vários textos biográficos publicados pela imprensa portuguesa: no jornal *Diário Ilustrado* (1875), na revista *Brasil-Portugal* (1899) e no livro *Factos e Homens do meu tempo – memórias de um jornalista* (1907). No Brasil o nome do Barão já havia sido inserido em uma Galeria Histórica organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Pará em 1918, que foi lançada juntamente a uma mostra de pintura e desenho com representações artísticas de cada um dos biografados. No ano de 1932 foi comemorado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Pará o centenário de nascimento de José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó.

Podemos notar que mesmo após a sua morte houve tentativas de manter suas memórias como político e intelectual, então como entender o apagamento da memória de suas atividades políticas na cidade de Belém? Partindo de textos biográficos



publicados em diferentes épocas e escritos por intelectuais portugueses e brasileiros; além de textos memorialísticos escritos pelo próprio barão, procura-se entender a construção de uma memória que privilegiou lembranças sobre a atuação intelectual e o esquecimento da atuação política.

### **Amigos em Lisboa - memória na imprensa portuguesa**

A maior parte dos textos biográficos escritos sobre o Barão de Marajó foram publicados na imprensa portuguesa. O contato se deve as redes de contatos com a intelectualidade portuguesa, devidos as incessantes viagens entre Brasil e Europa realizadas ao longo de sua vida. Nascido em Belém do Pará, José Coelho da Gama e Abreu era filho de José Coelho de Abreu, um militar da marinha portuguesa e da paraense Micaela da Gama Lobo, a família temendo o ataque aos portugueses e descendentes ocorrido durante a Cabanagem, fugiu para Lisboa, onde Abreu fez sua formação primaria, retornando durante a adolescência para Belém, posteriormente volta a Portugal para estudar Filosofia e Matemática na Universidade de Coimbra. O ano de 1855 marca o inicio de sua carreira política como Diretor das Obras da Província do Pará.

O primeiro texto sobre Gama e Abreu foi publicado em 1875 no jornal lisbonense *Diário Ilustrado*. O texto ilustrado com um desenho de Rafael Bordallo Pinheiro destaca a sua formação em Portugal, sua atuação política no Brasil e a promissora carreira de escritor. O articulista João de Souza Amado era amigo da família do biografado, o que leva a uma parcialidade do discurso.

João de Souza amado enfatiza sua formação em Coimbra e informa a respeito da atuação de Abreu nos conflitos de 1851 que envolveram estudantes da Universidade de Coimbra e a tropa armada, nos quais os estudantes reivindicavam direitos democráticos. Esses conflitos faziam parte do tenso contexto político português, de 1846 a 1851, que foi marcado por diversas revoltas contrárias à política centralizadora do Ministro Antonio Bernardo da Costa Cabral que tornou vigente a carta constitucional de 1826. O governo de Costa Cabral possuía uma complexa burocracia e contava com apoio do exército, pretendia instaurar a ordem e beneficiar a alta burguesia financeira e os proprietários de terra, sendo que essa política desagradava a muitos, bem como outra



prática polêmica o controle das eleições censitárias e indiretas. (Ribeiro, 1988, p. 301-312)

Por isso, ocorreram vários movimentos a favor da democracia como a Revolta da Maria da Fonte e a Patuleia. Os setembristas (liberais e constitucionais) iniciaram um movimento contra o governo em 1846, intitulado Revolta da Maria da Fonte, essa tentativa foi frustrada pelas tropas do Marechal Saldanha que assumiu o poder e deu continuidade à política de Costa Cabral, contando com apoio do governo espanhol. A Patuleia (1846-1847) foi uma guerra civil entre os Cartistas, que apoiavam a Saldanha e a continuidade da carta Constitucional de 1826, e a oposição que propunha reformas políticas, econômicas e no ensino formado pelos Progressistas (mais exaltados e republicanos) e os Legitimistas (que pretendiam o retorno de uma monarquia absolutista). Alguns jornais professavam, inclusive, tendências socialistas como demonstravam os jornais *o Eco dos Operários* (1850-1851) e *A Esmeralda* (1850-1851), porém essa tendência socialista diminuiu consideravelmente em 1851 com a Regeneração (vitória dos Cartistas representados por Saldanha) que dava continuidade às medidas repressivas, porém muitos ainda reivindicavam a democracia. (Ribeiro, 1988, p.302-304)

Esse contexto político conturbado fez parte da vivência de Gama e Abreu, que era democrata e moderado, talvez por ter vivido em Coimbra no auge das lutas pela democracia: “o entusiasmo com que ele afirmava as suas opiniões rasgadamente democráticas, opiniões que embora moderadas pela experiência do mundo, se pode hoje reputar nunca desmentidas (...)”. (*Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1)

João Amado de Souza abordou a respeito da carreira como diretor das Obras Públicas, dos cargos como deputado e presidente da Província do Amazonas em 1868. Referiu-se a atuação de Abreu como jornalista, sendo articulista do jornal *O Liberal do Pará*, polemizava com políticos do partido conservador representado pelo jornal *Diário do Gram-Pará*, além de se envolver na Questão Religiosa opondo-se ao bispo D. Macedo Costa.

As polêmicas políticas, as perdas familiares na década de 1860, do pai, mãe e da esposa, no parto do 5º filho e o incêndio em sua residência, foram elencadas pelo biógrafo como a motivação para permanecer na Europa, dedicando-se a carreira de



escritor, comentando a publicação de *Do Amazonas ao Sena: Nilo, Bósphoro e Danúbio – Apontamentos de viagem*: “a merecida aceitação de sua primeira obra deve incitá-lo a retomar dentro de pouco a pena de narrador”. (*Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2.)

Gama e Abreu permaneceu um tempo na Europa. Mas, ao contrário das previsões de seu biógrafo de que ele permaneceria em Lisboa, em 1879 estava de volta ao Pará como Presidente da Província (1879-1881). Seu interesse pela região de origem aumentava, pois escreveu na década de 1880 duas obras nesse sentido: *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil* (1883) e *Um Protesto: resposta às pretensões da França a uma parte da Amazonia manifestadas por Mr. Deloncle* (1884).

O segundo texto biográfico data de 1899, trata-se da revista *Brasil-Portugal*, destinada especialmente aos brasileiros que viviam em Portugal, na qual Gama e Abreu, já intitulado Barão de Marajó, colaborava escrevendo, em especial, sobre a Amazônia. A revista *Brasil-Portugal*, publicou um pequeno artigo biográfico, no qual dá pouca ênfase ao passado conturbado de Gama e Abreu iniciado “por ocasião da sanguinolenta revolução de 35, fugiu com toda a família para escapar aos horrores dessa época de perigos”. (*Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, nº2, 16 de fevereiro de 1899.p.9). Esse periódico descreve Gama e Abreu, como um brasileiro muito atuante na política, mas especialmente um especialista no conhecimento da região amazônica:

O Barão de Marajó, um brasileiro proeminente, uma das mais simpáticas individualidades do norte do Brasil, que nos altos cargos exercidos tem uma longa lista de serviços ao seu país, trata n’este número, e n’outros que vão seguir lhe, de um dos mais importantes ramos da riqueza do Brasil: a borracha. Vivendo habitualmente no Pará, conhecendo profundamente toda a vasta região amazônica, por onde se espalha aquele riquíssimo produto vegetal, que é hoje um dos principais elementos do comercio brasileiro, o Barão de Marajó trata nesses artigos tão proeficientemente do assunto, tão instrutivos são os esclarecimentos que dá, tão nítida a forma de expor, e tão seguros os seus pontos de vista que chamamos particularmente a atenção dos leitores do Brasil-Portugal para as páginas que o ilustre publicista subscreve. (*Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, nº1, 1 de fevereiro de 1899.p.1)

Ao contrário de seu pai que viveu, casou-se e fez fortuna no Brasil, mas gostava de ostentar a nacionalidade portuguesa; o Barão de Marajó viveu grande parte de sua vida em Portugal, mas definia-se como brasileiro. A nacionalidade brasileira foi muito destacada no periódico *Brasil- Portugal* enfatizando a imagem do Barão do Marajó como um bom servidor de sua pátria durante os regimes do Império ou da República,



devido às suas qualidades pessoais de competência, caráter, inteligência e prestígio: “É longa a lista de serviços prestados pelo Barão de Marajó, título que lhe foi conferido em 1881, no tempo do Império. (...). Proclamada a República, seguindo na onda dos novos ideais, aceitou, instado, o lugar de Intendente Municipal de Belém, (...)”. (*Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, nº2, 16 de fevereiro de 1899.p.9).

A atuação do Barão de Marajó nas exposições internacionais e os melhoramentos realizados na cidade de Belém durante sua gestão como intendente tiveram destaque. A revista *Brasil-Portugal*, ao lado da imagem do político, ressaltava a imagem do intelectual viajante e conhecedor de sua região destacando duas de suas obras como as de maior relevância *Do Amazonas ao Sena* pela erudição e *As Regiões Amazônicas* pelas extensas pesquisas sobre sua região de origem.

O terceiro texto biográfico a respeito de Gama e Abreu foi escrito pelo jornalista português Pedro Wenceslau de Brito Aranha, também colaborador da revista *Brasil-Portugal*.<sup>1</sup> Brito Aranha foi articulista do jornal *O Futuro*, correspondente dos jornais *Diário de Leiria* e *Comércio do Porto*, e redator principal do *Diário de Notícias*. Sócio fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Associação Tipográfica Lisbonense e da Associação dos Escritores e Jornalistas Portugueses.

Brito Aranha foi participante na chamada *Questão Coimbrã* (1865), uma proposta literária e estética que se opunha ao movimento ultrarromântico, denominado por alguns como “teocracia literária” e representado em especial por Antônio Feliciano de Castilho. As críticas feitas pelos “novos poetas” que influenciaram as gerações de 1860 e 1870 enfatizavam uma arte com viés político, voltada para as questões da justiça social, igualdade e liberdade; os principais nomes da nova proposta foram Antero de Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Pinheiro Chagas e Teixeira Vasconcelos. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2014, p.301-311).

Esse grupo dos novos poetas portugueses da geração de Brito Aranha assemelha-se muito ao grupo de *Bloomsbory*, estudado por Raymond Williams, constituindo-se da mesma forma como uma fração de uma classe abastada, ligada a uma universidade e que propõe mudanças sociais relacionadas ao exercício da intelectualidade.

---

<sup>1</sup> Brito Aranha escreveu as seguintes obras: *Leituras Populares, Instructivas e Moraes, colligidas para as escolas primarias* (1872), *Memórias Histórico-Estatísticas de Algumas Villas e Povoações de Portugal* (1871), *Subsidios para a Historia do Jornalismo nas Provincias Ultramarinas Portuguesas* (1885) e *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista* (1908).





(WILLIAMS, 1999.p.139-168). Na época em que ocorriam essas polêmicas, Gama e Abreu fazia suas viagens pela Europa e sendo amigo de Brito Aranha e de Pinheiro Chagas, certamente teve contato com essas ideias.

O texto de Brito Aranha sobre Gama e Abreu está presente na obra *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista* (1908). O livro possui três tomos e narra a respeito de suas memórias sobre a imprensa portuguesa, o mercado editorial, e o círculo intelectual do qual participava. O jornalista escreveu a obra em homenagem a Eduardo Coelho,<sup>2</sup> fundador e diretor do jornal *Diário de Notícias* e um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Brito Aranha, amigo de longa data de Gama e Abreu, enfatizou em sua biografia as qualidades morais, o círculo intelectual, a produção acadêmica e o gosto pelas viagens, interrompidas pelo trabalho como político:

Ainda que afastado da América, pois que tinha predileção em viajar pela Europa, principalmente em França e permanecer em Lisboa meses seguidos entre seus velhos amigos portugueses, alguns dos quais seriam seus contemporâneos em Coimbra, Gama e Abreu, nas épocas próprias lá se ia a tomar no Pará o seu lugar nas Assembleias legislativas ou onde o chamava o desempenho de funções públicas na sua pátria. (ARANHA, 1908. p.132).

A atuação intelectual era a característica marcante de Gama e Abreu descrito como estudioso, dedicado, viajante curioso e perspicaz. Para Brito Aranha, a grande obra de Gama e Abreu foi *Do Amazonas, ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio* (1874/1876), um livro publicado pela editora Universal, a mesma do *Diário de Notícias*. No período da produção e publicação do livro, Gama Abreu e Brito Aranha eram assíduos frequentadores da casa do conceituado funcionário do Ministério da Fazenda José Maria dos Passos Valente, que possuía um respeitável salão literário do qual participavam intelectuais, artistas e outros homens ilustres de Portugal.

Faziam parte desse círculo, o advogado Joaquim José Maria de Oliveira Valle, o desenhista Raphael Bordallo Pinheiro, o ator Cesar Polla, o diretor técnico do *Theatro do Gymnasio* e ator Leopoldo de Carvalho entre outros. Passos Valente e Brito Aranha reuniam-se com Gama e Abreu para aconselha-lo acerca da impressão do livro:

A publicação dessa obra fundamentou a relação de Gama e Abreu com um importante jornal da imprensa portuguesa, o *Diário de Notícias*. Pois, Thomas Aquino

---

<sup>2</sup> Eduardo Coelho era irmão do filólogo, escritor e pedagogo Adolfo Coelho e amigo íntimo do escritor Eça de Queirós.



de Antunes além de ser proprietário da tipografia Universal era sócio de Eduardo Coelho e Brito Aranha era um dos principais redatores do jornal.

Ainda no contexto da atuação intelectual de Gama e Abreu, Brito Aranha mencionou a participação de seu biografado em uma notável publicação paraense, produzida em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, a obra coletiva *O Pará em 1900*:

O Pará concorreu com um livro notável, não só pelo primor da impressão, em papel superior, acartonado, a cores, com páginas tarjadas com largas vinhetas de fantasia, mas também pela colaboração, na qual vemos nomes vantajosamente conhecidos entre os que tem enriquecido com seus apreciáveis labores a literatura paraense. Entre esses figurou o Barão de Marajó. (ARANHA, 1908. p.142).

Gama e Abreu se preocupava com o fortalecimento dos laços entre Brasil e Portugal. Nesse sentido, Brito Aranha se refere à criação de um monumento em memória do Almirante Barroso, um dos heróis da batalha de Riachuelo, em um prédio na Rua Garret, em Lisboa. Brito Aranha e o Barão de Marajó foram os responsáveis em formar uma comissão de brasileiros e portugueses para realizar os trabalhos do memorial.

A imagem do Barão intelectual foi a última deixada nas memórias do jornalista Brito Aranha. Quando encontrou o amigo pela derradeira vez, ele lhe entregaria pessoalmente um presente enviado por Antonio Lemos, um livro escrito por Arthur Vianna a respeito da história da Santa Casa de Misericórdia, pouco depois o amigo se morreria de forma trágica (suicídio):

Li este fato, pouco mais ou menos, em um livro que me deu o Barão de Marajó. Um dia honrou-me com sua visita. Trazia um belo volume nas mãos. Ao entrar disse-me:

- Sabe para que venho cá?  
- Para me dar o prazer de sua visita e honrar esta casa – acudo logo.  
- Para esse prazer sem dúvida; porém traz-me aqui a incumbência de ofertar-lhe, pessoalmente, em nome do senador paraense Antonio José de Lemos, provedor da Santa Casa de Misericórdia do Pará, este exemplar da notícia histórica da mesma Santa Casa, escrita pelo nosso colega Arthur Vianna.

Agradei o brinde e pedi-lhe que se dignasse de transmitir o meu agradecimento ao ilustre cavalheiro paraense que me obsequiara. (ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.p.133-134).

Os três biógrafos ressaltaram aspectos diferentes da formação intelectual de Gama e Abreu, em todos os relatos a imagem do estudioso é mais presente que a do político. João Amado de Souza destacou o estudante esforçado da Universidade de Coimbra; já a revista *Brasil-Portugal* enfatizou a imagem do político e do pesquisador



que conhecia profundamente a Amazônia; e Brito Aranha destacava o viajante e intelectual que se fazia presente em importantes círculos intelectuais portugueses.

### **A república e o apagamento da memória**

O Barão de Marajó foi escolhido pelo governador Lauro Sodré para ser intendente de Belém durante o período de 1871-1874. Além das inúmeras afinidades entre os dois, é importante considerar que o Barão de Marajó seria uma excelente escolha como aliado político para Lauro Sodré, pois o Barão possuía grande fortuna, adquirida tanto por herança dos pais e da esposa quanto por sua participação em empresas prestadoras de serviços essenciais como a Companhia das Águas e a Empresa Industrial do Grão-Pará; possui imóveis no Brasil e no exterior e uma empresa de extração de óleos essenciais e de produção de chocolate. A essa riqueza aliava-se a influência adquirida pelos importantes cargos públicos que exerceu durante o Império e pela participação em círculos políticos e intelectuais no âmbito nacional e internacional.

O Barão de Marajó se inseria na política republicana, colaborando para os projetos, nos quais a afirmação de uma nova proposta política caminhava com a invisibilidade do regime antigo, e para essa finalidade a produção historiográfica foi essencial. Segundo Magda Ricci, a escrita da história e, por conseguinte, do livro didático, tornaram-se formas de remodelar e desconstruir o passado Imperial, assim a instrução pública foi um dos mecanismos eficazes para divulgar os ideais republicanos no estado do Pará. (Ricci, 2014, p.17)

A historiografia paraense no início do século XX estava a cargo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, entre os intelectuais mais atuantes estavam os engenheiros Henrique Santa Rosa, João de Palma Muniz e Ignácio Moura. Assim, o IHGP era uma das mais atuantes para escolher quem seria lembrado ou esquecido pela república. (MORAES, 2009).

Empenhado na cristalização de uma memória republicana o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em 1818, organizou uma Galeria Histórica bastante eclética que incluía: sacerdotes (como Padre Antonio Vieira, Frei Caetano Brandão e Padre Prudêncio), Cientistas (como Ferreira Penna, Francisco da Silva Castro e Julio César Ribeiro de Souza), políticos (como Lauro Sodré e D. Pedro II), artistas (Carlos Gomes,





Domenico d' Angelis e Maurice Blaise), escritores (José Veríssimo, Juvenal Tavares e João de Deus do Rego), João Gonçalves Batista de Moura (pai de Ignácio Moura um dos organizadores) entre outras personalidades. Ocorreu uma mostra de pintura e desenho com representações artísticas de cada um dos biografados.<sup>3</sup>

Para Aldrin Figueiredo, havia uma autoridade compartilhada entre a história e a pintura para entronizar como “santo” a imagem do herói da pátria. Figuravam na Galeria Histórica, vários monarquistas e entre eles o próprio ex-imperador D. Pedro II, a “nobreza da terra” foi vista na *Galeria Histórica* (1918) sob o perdão republicano.<sup>4</sup> Um exemplo dessa abordagem foi o Barão de Guajará, Antonio Domingos Raiol, político e historiador (autor da importante obra *Motins Políticos*), que foi descrito por seu biógrafo como um antigo monarquista, que mesmo se retirando da vida pública não se opôs ao regime republicano.(Figueiredo, 2001.p.149-150).

Outro a ser lembrado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Pará foi o Barão de Marajó em uma biografia escrita por Jayme Abreu, filho do biografado, em um texto muito elogioso e parcial. Os organizadores buscaram manter os nomes de sua família na memória e a galeria histórica era uma excelente oportunidade como atestam as biografias dos pais de Ignácio Moura e de Jayme Abreu. Este último ocupou diversos cargos no Jôquei Clube, sendo comum nos jornais notícias sobre a sua atuação na diretoria do clube. Foi oficial da Recebedoria de Rendas do Estado do Pará, em 1904, e suplente da diretoria do Banco de Belém.

Na mesma coletânea em que Jayme Abreu escreveu sobre o pai, assinou o artigo sobre o botânico suíço Jacques Huber, representado imagetivamente pelo pintor José Girard. Jacques Huber se tornou diretor do Museu Paraense a partir de 1907 e foi delegado do Pará na *Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim* (1911),<sup>5</sup> junto ao jornalista Jayme Abreu.

---

<sup>3</sup> A comissão organizadora da Galeria Histórica era formada por Ignácio Moura, M. Braga Ribeiro, A. Lassance Souza, A. Firmino Cardoso, Theodoro Braga e Adalberto Lassance Cunha. Ver: IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.

<sup>4</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: uma historia social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*, Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.p.149-150.

<sup>5</sup> O trabalho de Jaime Abreu e Jacques Huber pode ser lido, ver: MARTINS, João Antonio Rodrigues; GAMA E ABREU, Jayme P. da; HUBER, Jacques (Orgs.). *O Estado do Pará na Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim - 1911. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, Governador do Estado, pela delegação paraense*. Paris: Imp. Kauffmann & Cie. 1911.



Retornando à biografia escrita por Jayme Abreu, o destaque do texto foi a atuação política do Barão durante o período republicano como intendente de Belém, parlamentar e representante da comissão brasileira na Exposição Universal de Chicago (1893). Esse enfoque difere das primeiras biografias, analisadas no primeiro capítulo que ressaltaram a atuação intelectual. Jayme Abreu descreveu o exercício de cargos políticos de seu biografado durante o período imperial sendo audaciosa e à frente de seu tempo:

Voltou então ao Pará, iniciando sua vida pública, pelo exercício do cargo de diretor da Repartição de Obras Públicas, empreendendo obras de vulto, entre as quais o Teatro da Paz. Filiado ao partido Liberal, fez parte da Assembleia Provincial, e em 1868 fez assento na Câmara dos Deputados. Com superior critério e aprovada honradez presidiu em épocas distintas as então províncias do Amazonas e do Pará. (...). Proclamada a República, arregimentou-se na legião do partido Republicano, sendo eleito intendente de Belém, cargo que exerceu até 1893, deixando de sua passagem no governo da Comuna, impagáveis traços de seu patriotismo e de seu alto tino administrativo. Depois, seguiu para os Estados Unidos da América do Norte como membro da grande comissão que representou o Brasil na Exposição de Chicago. O partido Republicano paraense, tendo em conta os serviços prestados ao Pará, o elegeu em duas legislaturas sucessivas senador estadual, ocupando o cargo de Vice-presidente do Senado. (IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65).

Mesmo com a ênfase na atuação política, o biógrafo reportou a respeito da formação acadêmica e da produção intelectual do Barão de Marajó, enfatizando a sua formação em Filosofia e Matemática na Universidade de Coimbra, o trabalho como lente do Lyceu Paraense e sua associação à Sociedade de Geografia de Lisboa. Devido ao vínculo familiar, Jayme Abreu foi o único a fazer menção às comendas recebidas pelo biografado (que foram as da Ordem de Cristo pelo Brasil e Vila Viçosa por Portugal) e a divulgar a data de falecimento do Barão de Marajó, em 25 de novembro de 1906 na cidade de Lisboa, onde se encontrava para tratamento de saúde.

Jayme não registrou em seu texto biográfico o suicídio do pai, o que é compreensível, por ser um assunto delicado. A experiência pessoal e perturbadora deveria ser silenciada, pois não era compatível com o texto elaborado para uma galeria histórica dos grandes vultos. (THOMPSON, 1997. p.51-77). Em 1906, jornais de diversas cidades brasileiras noticiaram o suicídio do Barão de Marajó como o *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), o *Diário da Tarde* (Curitiba) e *A Pacotilha* (Maranhão).

Avançando para o ano de 1918, ano da *Exposição da Galeria Histórica*. Nesse evento, foi exposta uma série de pinturas representando os biografados, elencados pelos



organizadores da Galeria Histórica. Os retratos individuais oficiais se assemelhavam aos retratos de corte pelo intuito de autolegitimação e dominação simbólica que projetavam a imagem dos políticos sendo comum esse uso em exposições nos salões dos palácios e em álbuns.

Atualmente o Barão de Marajó é conhecido em um circuito restrito de estudiosos da Região Amazônica, os marcos de sua memória política são muito poucos, bem como da a memória da Belém imperial.

### **Considerações finais**

Houve uma tentativa de perpetuar a memória do Barão de Marajó por meio das publicações de biografias na imprensa por seus amigos portugueses; no Brasil, um grupo paraense ligado ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará do qual seu filho Jaime Abreu fazia parte, procurou inseri-lo como um político importante para a história do Para. Porém, a ênfase das biografias é a atuação intelectual, mesmo que citem os cargos políticos exercidos por ele.

Possivelmente a imagem do intelectual era a qual o biografado gostaria de ser lembrado, pois ele foi um dos políticos que colaborou para o apagamento da memória política da cidade imperial, e certamente de boa parte dos rastros imagéticos relacionados a sua atuação política nesse período.

Inferimos que essa invisibilidade política do Barão de Marajó relaciona-se tanto com o esforço do próprio biografado de ser reconhecido como intelectual quanto se confunde com a contínua ressignificação da memória da cidade de Belém no decorrer do tempo, especialmente nas mudanças do regime político imperial para o republicano,



no entanto, qualquer historiador ou geógrafo especializado na Amazônia do século XIX tem conhecimento do livro *As Regiões Amazonicas* e dos relatórios de governo, afinal temas como imigração, educação, natureza e cidade perpassam por suas obras.

## Referências

*A Pacotilha*. Maranhão, 27 de novembro de 1906. p.1.

ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.

*Diário da Tarde*. Curitiba, 1 de dezembro de 1906.

*Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

*Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, nº1, 1 de fevereiro de 1899.

COELHO, Anna Carolina de Abreu. *Barão de Marajó: um intelectual e político entre a Amazônia e a Europa*. Belém: Açáí, 2017.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*, Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.p.149-150.

IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1906.p.4

MORAES, Tarcisio Cardoso. *A engenharia da história: natureza, modernidade e historiografia na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009

OLIVEIRA JÚNIOR, Virgílio Coelho. Revolução e imaginação político-literária: o romance *Os Maias* como representação da sociedade portuguesa em face ao liberalismo. *História Unisinos*.n. 18.v.2., Maio/Agosto 2014.p.301-311.

RIBEIRO, Maria Manuela de Bastos Tavares. Crise Revolucionária e Ordem Pública (1846-1851). *Revista de História*, v.8. Porto, 1988.p.301-312.

RICCI, Magda. Os primeiros livros didáticos republicanos de História do Pará: o patriotismo e a construção da memória. In: HENRIQUE, Márcio Couto. *Diálogos entre História e Educação*. Belém: Açáí, 2014.p.17.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*. n.15, abr, 1997. p.51-77



WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbory. *Plural*. São Paulo, n°6, I sem, 1999.p.139-168.